



REDACTOR PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da União Operária Nacional
EDITOR — **JOAQUIM CARDOSO**

Redacção e administração — Calçada do Combro, 38-A, 2.º
Lisboa — PORTUGAL

End. telegr. *Talhaba* — Lisboa — Telefone: 2

Officinas de impressão: Rua da Atalaja, 134

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

NO IMPONENTE CONGRESSO DE COIMBRA

Lançam-se as bases

da

CONFEDERAÇÃO GERAL DO TRABALHO

A discussão do estatuto da nova Central de Sindicatos portugueses prossegue, sendo introduzidas várias modificações no documento original

Temos enfim realizada a velha aspiração dos militantes sindicais portugueses. É hoje uma realidade a Confederação Geral do Trabalho de Portugal, coroamento e fecho de toda a organização operária.

É este o facto culminante do Congresso de Coimbra. Foi mesmo a sua principal razão de ser. A Confederação do Trabalho 6, por tradição consagrada numa já longa experiência, a fórmula sintética que melhor corresponde à organização estrutural das classes do hoje.

Partindo do simples para o composto, a Confederação insere por integrações sucessivas núcleos cada vez mais complexos e obtém no comité confederal a convergência de todo um enorme feixe de forças.

A nenhum trabalhador deve passar despercebido este acontecimento que fica marcando na história do operariado português uma das datas mais memoráveis e gloriosas. Só o facto em si da criação genuinamente proletariana, nitidamente sindicalista, deste alto organismo, inicia uma nova época na vida operária nacional. A U. O. N. era o esboço, o embrião. A C. G. T. portuguesa é o órgão chegado à plena maturidade e pronto para as complexas funções directivas do trabalho e da produção.

Na C. G. T. devem dentro em pouco ingressar todas as actividades do país representadas nos seus sindicatos e associações de classe. Ela criará certamente comités especiais de propaganda para sindicalizar os ramos do trabalho que o não estão ainda e atrair os que andam erradios transviados, esgotando improficuamente os seus recursos e heroicos esforços, como acaba de suceder com os ferroviários.

Esta classe, cujo desastre há pouco no pessoal da C. P. deve atribuir-se exclusivamente ao seu orgulhoso isolamento, vai sem dúvida organizar imediatamente o seu congresso corporativo e trabalhar com afinco para realizar a Federação ferroviária e filiar-se na C. G. T. Reparar-se há assim, embora tardiamente, tanto erro cometido. É um dever de honra para todos os ferroviários reorganizar as forças desmanteladas na expectativa duma próxima revanche.

Os professores primários que estiveram representados no Congresso, também não devem demorar muito a sua entrada na Confederação.

Esperamos que diligências especiais serão feitas junto desta classe, cuja congénere em França desempenha no sindicalismo um tam importante papel.

Os correios e telégrafos filiados parcialmente na U. O. N. entrarão na totalidade do seu pessoal para a Confederação. Um largo campo de actividade se abre enfim ao novo conselho confederal.

De hoje em diante uma nova era começa para o proletariado português. A Confederação conseguirá, só pelo prestígio que a esta palavra anda ligado, congregar dispersas energias em grandes núcleos de resistência capazes de afrontar a coligação patronal que reago desesperadamente nos paroxismos da agonia.

O êxito deste Congresso tem um significado importantíssimo neste momento em que se desagregam as agremiações partidárias e o povo se desinteressa cada vez mais da política estéril de parlamentos e governos.

Orientada em normas caracteristicamente sindicais, alheia às lutas políticas segundo a letra dos seus estatutos, a Confederação há de impôr-se e ter na gestão das cousas públicas a hegemonia que de direito lhe pertence.

Que os congressistas que ligaram o seu nome a esta fundação cimentaram com a sua fé os alicerces do novo baluarte continuam intrépido e sem desfalecimentos a sua obra, para que ela se desentranhe em douradas messes e fique no futuro o padrão imortero duma raça forte, cuja memória os trabalhadores do futuro saberão honrar e venerar condignamente.

Não podemos por último deixar de nos referirmos à Comissão Administrativa da U. O. N. que preparou o caminho à futura C. G. T. Deve ter causado excelente impressão no Congresso o relatório que os nossos leitores conhecem já, documento importantíssimo que história as fases do movimento operário e o desenvolvimento e marcha da organização sindical no país durante os últimos tempos tão agitados pelas convulsões políticas, durante as quais foi posto à prova em tão delicadas e melindrosas conjunturas a competência e a dedicação do alto corpo operário dirigente.

E para ele, como para todos os camaradas da extinta U. O. N. vão neste momento as nossas comovidas saudações.

O estatuto da Confederação

São aprovados os dois primeiros capítulos, com algumas alterações

(Do nosso enviado especial)

COIMBRA, 15. — A discussão do projecto dos estatutos da futura Confederação continuou ontem à noite, prolongando-se a sessão até à 1 hora. Falaram vários oradores sobre o capítulo primeiro que foi aprovado, com a proposta apresentada pelo camarada Eduardo Jorge para que a Confederação tenha o título de Confederação Geral do Trabalho em vez de Confederação Operária Portuguesa.

Entrou depois em discussão o capítulo segundo, recaído sobre a calorosa e animada controvérsia, falando vários oradores entre eles Alfredo Lopes e José Lopes, delegado dos Cantieiros e Polidores de Marmore; Augusto Machado, dos Inscritos Marítimos; João Luis, do pessoal do Arsenal do Exército e Sebastião Eugénio, dos funcionários do Estado.

Discute-se o artigo segundo do projecto, incidindo grande discussão sobre as alíneas d) e e). A meticolosidade com que decorrem os trabalhos fez com que a sessão se prolongasse, recomendo hoje às 9 horas, estando representados 153 organismos. É reatada a discussão do capítulo segundo do projecto. Falam Mário de Azevedo, dos Caixeiros do Porto; Augusto Carlos Rodrigues, dos Empregados de Escritório de Lisboa.

Por fim o capítulo foi aprovado com as seguintes emendas:

A alínea e) aditamento das palavras "ou que pela sua estrutura especial não possam ingressar nas União Locais".

O único passa a ser § 1.º, com a seguinte redacção: "Fora do disposto nas alíneas d) e e) do artigo segundo, os sindicatos só podem fazer parte da Confederação por intermédio das respectivas federações de indústria e locais, onde devem estar simultaneamente federados".

Acrescenta-se o § segundo que diz: "Exceptuam-se da disposição do parágrafo anterior as associações que sejam impedidas de ingressar nas respectivas federações, por virtude destas se orientarem por normas anti-sindicalistas, mas só no caso de tais associações serem aderentes à U. O. Local".

Os artigos terceiro e quarto foram aprovados na íntegra. — *Especial*

Entra em discussão o capítulo terceiro

COIMBRA, 15. — Entrou em discussão o capítulo terceiro do projecto de estatutos da Confederação. Falaram Júlio Luis, Sebastião Eugénio, Alexandre Vieira, Manuel Joaquim de Sousa, relator, Joaquim Cardoso, Abel Pereira e Salvador Braga. Foi aprovado o artigo quinto na íntegra.

Alexandre Vieira, falando sobre o artigo sexto propõe a eliminação do número três. Posta à aprovação por votação nominal, é aprovada a proposta, ficando, portanto, eliminado o citado n.º 3.

A sessão foi interrompida às 11 meias, devendo recomençar à noite no teatro Sousa Bastos. — *Especial*

Os estatutos aprovados

Depois de feitas as alterações aprovadas pelo congresso ficam os estatutos com a forma seguinte:

CAPÍTULO I

Do objectivo

Artigo 1.º A Confederação Geral do Trabalho de Portugal constitui-se com os seguintes objectivos:

1.º O agrupamento, sob a base federativa autónoma, de todos os trabalhadores assalariados do país, para a defesa dos seus interesses económicos, sociais e profissionais, pela elevação constante da sua condição moral, material e física;

2.º Desenvolver, fora de toda a escolar política ou doutrina religiosa, a capacidade do operariado organizado para a luta pelo desaparecimento do salário e do patronato, e posse de todos os meios de produção;

3.º Manter as mais estreitas relações de solidariedade com as Centrais dos outros países, para a ajuda mútua, numa comum inteligência, que conduza os trabalhadores de todo o mundo à sua emancipação integral da tutela opressiva e exploradora do capitalismo.

CAPÍTULO II

Da constituição

Art. 2.º A Confederação Operária Portuguesa é constituída:

a) Pelas Federações de Indústria;

b) Pelos Sindicatos nacionais de indústria;

c) Pelas União Locais de Sindicatos vários;

d) Pelos Sindicatos cujas indústrias não possuam ainda Federações nacionais e que estejam isolados em localidades onde não haja União Local.

a) Pelos Sindicatos que possuindo, embora, Federação, não seja esta aderente à Confederação, ou que pela sua estrutura especial não possam ingressar nas União Locais.

§ 1.º Fora do disposto nas alíneas d) e e) do artigo 2.º, os sindicatos só podem fazer parte da Confederação por intermédio das respectivas federações de indústria e locais, onde devem estar simultaneamente federados.

§ 2.º Exceptuam-se da disposição do parágrafo anterior as associações que sejam impedidas de ingressar nas respectivas federações, por virtude destas se orientarem por normas anti-sociais, mas só no caso de tais associações serem aderentes à U. O. Local.

Art. 3.º Todos os organismos operários que desejarem ingressar na Confederação, além de terem que entrar, no acto da adesão, com a cota estipulada no n.º 3 do art. 38.º, terão que o participar em ofício autenticado, no qual conste a sua população federada ou associada e a aceitação do presente estatuto, enviando por sua vez o que possuir.

Art. 4.º Todos os confederados terão que cumprir as resoluções tomadas colectivamente, sempre que estejam de harmonia com os objectivos da Confederação, dentro do Sindicato, da Federação, respeitando-se o princípio de que o indivíduo é autónomo no Sindicato, este dentro das Federações e estas dentro da Confederação, etc.

Art. 5.º Os confederados terão que cumprir as resoluções tomadas colectivamente, sempre que estejam de harmonia com os objectivos da Confederação, dentro do Sindicato, da Federação, respeitando-se o princípio de que o indivíduo é autónomo no Sindicato, este dentro das Federações e estas dentro da Confederação, etc.

Art. 6.º Os confederados terão que cumprir as resoluções tomadas colectivamente, sempre que estejam de harmonia com os objectivos da Confederação, dentro do Sindicato, da Federação, respeitando-se o princípio de que o indivíduo é autónomo no Sindicato, este dentro das Federações e estas dentro da Confederação, etc.

Art. 7.º Os confederados terão que cumprir as resoluções tomadas colectivamente, sempre que estejam de harmonia com os objectivos da Confederação, dentro do Sindicato, da Federação, respeitando-se o princípio de que o indivíduo é autónomo no Sindicato, este dentro das Federações e estas dentro da Confederação, etc.

Art. 8.º Os confederados terão que cumprir as resoluções tomadas colectivamente, sempre que estejam de harmonia com os objectivos da Confederação, dentro do Sindicato, da Federação, respeitando-se o princípio de que o indivíduo é autónomo no Sindicato, este dentro das Federações e estas dentro da Confederação, etc.

Art. 9.º Os confederados terão que cumprir as resoluções tomadas colectivamente, sempre que estejam de harmonia com os objectivos da Confederação, dentro do Sindicato, da Federação, respeitando-se o princípio de que o indivíduo é autónomo no Sindicato, este dentro das Federações e estas dentro da Confederação, etc.

Art. 10.º Os confederados terão que cumprir as resoluções tomadas colectivamente, sempre que estejam de harmonia com os objectivos da Confederação, dentro do Sindicato, da Federação, respeitando-se o princípio de que o indivíduo é autónomo no Sindicato, este dentro das Federações e estas dentro da Confederação, etc.

Art. 11.º Os confederados terão que cumprir as resoluções tomadas colectivamente, sempre que estejam de harmonia com os objectivos da Confederação, dentro do Sindicato, da Federação, respeitando-se o princípio de que o indivíduo é autónomo no Sindicato, este dentro das Federações e estas dentro da Confederação, etc.

Art. 12.º Os confederados terão que cumprir as resoluções tomadas colectivamente, sempre que estejam de harmonia com os objectivos da Confederação, dentro do Sindicato, da Federação, respeitando-se o princípio de que o indivíduo é autónomo no Sindicato, este dentro das Federações e estas dentro da Confederação, etc.

Art. 13.º Os confederados terão que cumprir as resoluções tomadas colectivamente, sempre que estejam de harmonia com os objectivos da Confederação, dentro do Sindicato, da Federação, respeitando-se o princípio de que o indivíduo é autónomo no Sindicato, este dentro das Federações e estas dentro da Confederação, etc.

Art. 14.º Os confederados terão que cumprir as resoluções tomadas colectivamente, sempre que estejam de harmonia com os objectivos da Confederação, dentro do Sindicato, da Federação, respeitando-se o princípio de que o indivíduo é autónomo no Sindicato, este dentro das Federações e estas dentro da Confederação, etc.

Art. 15.º Os confederados terão que cumprir as resoluções tomadas colectivamente, sempre que estejam de harmonia com os objectivos da Confederação, dentro do Sindicato, da Federação, respeitando-se o princípio de que o indivíduo é autónomo no Sindicato, este dentro das Federações e estas dentro da Confederação, etc.

Art. 16.º Os confederados terão que cumprir as resoluções tomadas colectivamente, sempre que estejam de harmonia com os objectivos da Confederação, dentro do Sindicato, da Federação, respeitando-se o princípio de que o indivíduo é autónomo no Sindicato, este dentro das Federações e estas dentro da Confederação, etc.

se veem os camarotes constantemente repletos, notando-se bem o interesse dos espectadores pelos trabalhos do congresso, que acompanham sempre até final de sessão.

Agora vai prosseguir a discussão na especialidade da tese sobre organização de Manoel Joaquim de Sousa.

Os delegados da Associação dos manufactores de calçado de Lisboa propõem que se abra entre os congressistas, no fim da sessão, uma *quê* a favor dos presos por questões sociais.

Entra em discussão na generalidade de o capítulo terceiro, dos estatutos da confederação. Norberto de Carvalho acentua a necessidade do operariado do Porto não depender da acção da 1.ª sessão da C. G. T. tomando iniciativas e dando vida à 2.ª sessão e uniões locais de sindicatos do norte. Diz ser necessário que secrie uma secção da Confederação no norte, devido a ser um importante centro operário e ainda porque em Lisboa não poderão atender a todos os detalhes do movimento operário do norte.

É necessário também que os sindicatos operários do norte contribuam para a organização central, deixando de, como até agora, descuidar o pagamento das cotizações. Verbera ainda o indiferentismo desses sindicatos, apelando para o operariado do norte para que ajude a fazer uma forte organização. Fala ainda largamente sobre o movimento operário do Norte, apontando os seus erros e fraquezas, e chamando a atenção do Congresso para esse facto pedindo-lhe que delibere sobre esse ponto.

O relator da tese, Manuel Joaquim de Sousa, diz que a organização confederal não admite a criação de uma secção do norte, bastando, talvez, a criação de novas uniões de sindicatos locais e que as existentes se encham de vitalidade para que o movimento sindicalista do norte tome a necessária expansão e energia. Foi pensando assim que na sua tese inscreveu o número 4 do artigo 6.º. A única forma do movimento tomar vida é aparecerem militantes operários que queiram trabalhar, que queiram sacrificar-se e que os sindicatos correspondam aos apelos dos organismos centrais.

Pereira Braga, delegado da Associação Têxtil de Vila Nova de Gaia, combate Manuel Joaquim de Sousa, fazendo considerações sobre o movimento operário no norte, falando na mesma ordem de ideias Norberto de Carvalho, respondendo de novo Manuel Joaquim de Sousa, que defende calorosamente a doutrina da sua tese, estabelecendo-se viva controvérsia entre o relator e Pereira Braga. Henrique de Sousa faz sentir a necessidade de se obter a que dos cargos directivos da Confederação possam vir a fazer operários que tenham traído qualquer movimento. Manuel Joaquim de Sousa demonstra a impossibilidade de a Confederação fazer essa destituição de responsabilidades, dizendo que tal missão compete ao respectivo sindicato.

Manel Barbosa afirma que na realidade o movimento operário do norte se encontra enfraquecido. Porém, é preciso não esquecer que ele foi quem mais impulsionou a organização do sul a efectuar as deliberações do Congresso de Fomar. Temos de congregor esforços, afirma, exercendo a máxima acção dentro das uniões de sindicatos e federações, dando-lhes a necessária vitalidade a fim de que a Confederação tenha a força indispensável.

É requerido por Marcelino da Silva que se dê por discutido o capítulo 3.º, sem prejuízo dos oradores inscritos, passando-se à votação.

Norberto de Carvalho volta a falar, defendendo a acção da secção do norte da U. O. N. e dizendo que se ele não fez, mais foi devido à falta de recursos materiais.

Júlio Luis, delegado dos fabricantes de armas, afirma ter a maior consideração pelo operariado do norte, o que não obsta, porém, a considerar desnecessária a criação de uma secção no norte para a propaganda e acção. Se os militantes do norte quiserem fazer propaganda, basta-lhes concertarem entre si, pois da sua concordância alguma coisa há de sair.

Sobre diversas passagens do capítulo terceiro falam ainda vários camaradas, lamentando não bastante, em virtude da falta de espaço, não poderem publicar alguns tópicos dos seus discursos.

Devido à insistência de vários delegados do norte para que se crie no Porto uma delegação, alguns delegados do sul condenam o regionalismo desses camaradas, esclarecendo estes que não eram regionalistas desejando, simplesmente, sem prejuízo da organização operária nacional, que se crie uma delegação, porque a reputam indispensável para a propaganda operária. Posto à votação o 3.º capítulo é aprovado com a seguinte emenda do relator ao artigo 7.º:

"Para desenvolver a organização na província, poderá esta secção promover conferências anuais dos secretários gerais das União de Sindicatos, assistidos da Confederação a fim de consertarem no melhor meio de estender a propaganda às localidades circunvizinhas das sedes daquelas uniões, utilizando-se dos militantes mais experimentados e conhecedores para aquele efeito."

(Ver na 2.ª página últimos telegramas do Congresso).

Gente a quem não falta casa

O ex-imperador de Austríia e família vão residir em Santander MADRID, 14. — Dizem de Santander que alguns jornais dão a notícia de que o palácio real da Madalena está sendo preparado para servir de residência ao ex-imperador Carlos, da Austríia, ex-imperatriz, à família e comitiva. — H.

OS FORÇADOS

Os canos de esgoto

O COLECTOR

II

A cidade afogada em sombra, está no primeiro sono. A viação vai rareando. Os eléctricos, vertiginosamente correm as retardatárias da batofa e sobre o dedalo das ruas desertas, longuíssimas, vem caindo uma tranquilidade languida, repassada da indiferença dos felizardos, e do abandono, do repouso, dos que labutam durante o dia.

É a hora em que o vício é mais repugnante, e as sargetas recebem a sua ablução. É quando baixam ao sub-solo, os miseráveis que vão limpar os canos e desfazer as partidas da rataria.

Agora estão eles numa das ruas da Baixa, atacando o pavimento, forçando uma abertura que lhes escancare o collector.

A luz enfiada de uma candeia de petróleo, posta no chão, abre na negrura da rua, um claro rasteiro, onde os vultos se recortam, e desfiguram. A picareta resvalando nas pedras com uma sonoridade metálica, ecoa fortemente, e no seu manejo, um homem em camisa, o rosto ensoberbado por um chapéu desabado, na violência de esburacar a rua, reprimindo a respiração até vibrar o golpe, no arranque da descida brusca, a espiração é um jacto ruidoso, um *han* como grunhido de animal ferido.

Ao lado, apoiado a uma pá, um outro, com os pés a bailar nos tamancos sem meias, espera que as pedras se des-

nas pelo chiar da pá, até que, liberado da terra, sai aparecendo aos poucos o cascão.

Mais um arrastar da pá, uma vassourada, depois é um vozeiro confuso de opiniões, de conselhos, para que a pedra não resvale, e vá enterrar-se no enxuro.

É preciso evitar que ela oblique. Um quer meter o bico da picareta, outro quer se entala, metendo os dedos numa frincha, querendo levantar com as mãos o pedregulho.

O desastrado sopra os dedos leva a mão ao sovaco; dos camaradas, dois pedem para vir, enquanto que um outro, o velhote asmático, dá ordens, entrecaladas com um — "Não é nada... Não é nada..." e todos se curvam sobre o cascão, que afinal se resolve a sair, — caso curioso — à mão, como se tivessem esquecido o incidente que bem poderia ser — sabe-se lá... — dois ou três dedos esborrachados.

Da abertura eleva-se um cheiro fortíssimo a mareia. O cano é estreitíssimo, vê-se bem o fundo atulhado duma lamia negra como borra de gaz. Não terá um metro de altura, e quanto a largura, um daqueles homens de calça arregada, ao enfiar as pernas para refocilar lá dentro, tem que faz-lo com pericia não vá ferir-se nas arestas da entrada. Apoiá as mãos sobre as margens do buraco, as pernas vão desapa-



...no carregar as carroças, há homens com as mãos negras, pingando dejectos.

loquem para tirar a terra que oculta o cano, — um pedregulho chato que entapa a entrada para o enxuro — e atraz a carroça, com as suas rodas desproporcionais, é uma mancha negra que faz destacar a brancura duvidosa das camisas daqueles dois homens. Outros na penumbra, junto a um carrinho de mão, e ferramente vário, enquanto esperam a vez de entrar no cano, ou despejar os detritos, vão conversando, enterrompendo-os a espaços um tossir ruidoso de inseparáveis catarrhos. O assunto é o trabalho. A rataria preta-lhe cada partida... A mais vulgar é deverem-se a cravar a dentuça, nas ligações dos tubos de gaz, e depois de os rendilharem, buscando novos campos de operações, esgravavam a terra que circundam os *cascões*, e tanto esgravavam, tanto focinham, que o gaz, escapando-se dos tubos esburacados, encontrando grêtas, penetra surranteiramente na canalização dos esgotos.

A apoteose desta graça são uns formidáveis estampidos, as sargetas ficam sem tampas que voaram pelos ares, ou o chão abre-se em crateras enormes, com todos os incidentes de um espadaneira de terra e pedregulhos.

— "F quando é só terra, boa vai ela, — diz-me um deles, um velhote asmático escaveirado. — A's vezes não fica só por ahi."

— "Já uma vez desci lá abaixo, a ver quantos ficaram inteíros... É verdade... Este sabe melhor do que eu, porque foi o único que escapou. É verdade... Havia dois vivos. Este, ainda por cá anda, o outro apañou a sua conta, foi para o hospital, e lá morreu..."

Pára, para molhar a mortalha do cigarro, depois continuou, enquanto o outro, indiferente, ia arrastando o cano de ganga sobre a pele, o pé apoiado num cubo atulhado de cloreto.

— A Avenida então é um perigo que ninguém faz ideia... Não vê que ha muitas garages, de maneira que aqueles ollos, o petróleo, a gasolina, entrando no collector... Nos pontos altos é o gaz, o gaz é que é o diabo... Como sabe, o gaz anda ao de cima. Na cidade baixa, está claro, é onde vai parar toda a enxurrada dos outros pontos, também nos rala um bocadinho, mas enfim... o gaz, o gaz é que é um grande bico... Ao lado a faina procega iluminada por clarões vacilantes, avermelhados.

A picareta agora é um surdo rumor, como que um baquear monótono, interrompido pelo ruído áspero duma pá arranhando o chão, num chiar metálico. O da picareta, numa paragem, enquanto a pá vai amontoando a terra, limpa o suor da testa, a manga da camisa.

Da penumbra veem chegando lentamente até à cova, mais trabalhadores. Um, com dois cubos, vai colocá-los junto da carroça, outro traz na mão uma alavanca, e atraz veem mais dois de calças arregadas até às coxas, que esperam indiferentes o momento de desaparecerem no collector.

Um prolongado silêncio, cortado ane-

aproximando mais daquela fétida cloaca.

Aproximo-me também. Em baixo vejo um homem accorrido sobre o lodo, os pés enterrados até quasi aos joelhos. Agora inclina-se para a frente, baixa a cabeça, enterra as mãos no atascado, enquanto o tronco desce, curvado. Vejo-o recuar de costas, até desaparecer do espaço em que o posso avistar, espaço curto, limitado pelo retângulo do buraco da abertura. Dahi a pouco vejo-lhe outra vez as mãos estendidas sobre o atascado, depois a cabeça muito baixa quasi rente ao chão depois o dorso, horizontalmente, e pouco a pouco rastejando o vejo-o desaparecer de novo, as pernas recuam sempre até desaparecerem de costas do pequeno espaço limitado pelo perímetro do retângulo do buraco em que o posso ver. Dahi a pouco vejo-lhe outra vez as mãos estendendo sobre o atascado depois a cabeça muito baixa quasi rente ao chão depois o dorso, horizontalmente, e sucessivamente na passagem do retângulo da abertura vejo deslizar-lhe o corpo todo, de costas sobre a massa lodosa fétida, deleta.

Por fim só lhe vejo os pés, cavando dois sulcos no enxuro, depois mais nada. Aqueles homens desaparecem rastejando.

Um prolongado silêncio, cortado ane-

aproximando mais daquela fétida cloaca.

Aproximo-me também. Em baixo vejo um homem accorrido sobre o lodo, os pés enterrados até quasi aos joelhos. Agora inclina-se para a frente, baixa a cabeça, enterra as mãos no atascado, enquanto o tronco desce, curvado. Vejo-o recuar de costas, até desaparecer do espaço em que o posso avistar, espaço curto, limitado pelo retângulo do buraco da abertura. Dahi a pouco vejo-lhe outra vez as mãos estendendo sobre o atascado depois a cabeça muito baixa quasi rente ao chão depois o dorso, horizontalmente, e sucessivamente na passagem do retângulo da abertura vejo deslizar-lhe o corpo todo, de costas sobre a massa lodosa fétida, deleta.

Por fim só lhe vejo os pés, cavando dois sulcos no enxuro, depois mais nada. Aqueles homens desaparecem rastejando.

TEATRO SÃO LUÍS
A alegre e popular revista **O Pé de mel**
Quer que, por matuta e meia,
Ter uma noite feliz,
Vai entre o jantar e a ceia
Assistir ao **PÉ DE MEIA**
No teatro São Luís.

Vida Sindical

com o fim de se apoderarem da cidade e proclamar a soberania italiana. O presidente do conselho, sr. Nitti, pronunciou a este respeito um grande discurso na câmara dos deputados, condenando esta louca empresa, que o governo não podia em nome da Itália e cujos culpados ficariam sujeitos ao castigo que merecem, porque o governo vê no fascismo, sobretudo, uma manifestação de inclinação militar. — H.

A comissão organizadora que se encontra todas as noites no Sindicato, providenciará os retardatários, que a entregará dos bilhetes-convites, termina impetivamente, hoje, até às 23 horas, pois a comissão tem inúmeros pedidos, que começará a satisfazer de amanhã em diante.

A comissão, convida o camarada Arlindo Barreira a vir hoje à sede do Sindicato.

na realização pela sr.^a D. Lucinda Tavares. O conferencista foi o sr. Duarte Silva. Realizando este ponto aproveitamos para pronunciar-se para declarar que repudiava absolutamente a atitude de alguns indivíduos, atizando-se sindicalistas, não têm mesmo longinquamente, a memória do que sejam os ideais por que vivem. Actos como os que no domínio passaram na rua do Hemisférico só se podem pôr em evidência o falso modo de propaganda adoptado por essas organizações, quando não temos nem queremos nenhuma solidariedade.

O passeio a Linda-a-Pastora

Tudo leva a crer que o passeio que o Grupo Dramático da Construção Civil organizou, para o dia 21 de corrente a

Procurando a morte

No Banco do hospital de S. José foi feita a lavagem do esmagma a Irene Moura, de 19 anos, residente na rua do Poço das Neves, 67, 2.ª, que tentou suicidar-se por engasgamento.

— A enfermeira 13 (Santa Isabel) recolheu Adriana da Purificação, de 31 anos, residente na vila Seaborn, 3, rés-de-chão, que tentou suicidar-se por asfixia.

na realização pela sr.^a D. Lucinda Tavares. O conferencista foi o sr. Duarte Silva. Realizando este ponto aproveitamos para pronunciar-se para declarar que repudiava absolutamente a atitude de alguns indivíduos, atizando-se sindicalistas, não têm mesmo longinquamente, a memória do que sejam os ideais por que vivem. Actos como os que no domínio passaram na rua do Hemisférico só se podem pôr em evidência o falso modo de propaganda adoptado por essas organizações, quando não temos nem queremos nenhuma solidariedade.

inda-a-Pastora guido dum piquenique na Senhora da Rocha e da recita na Sociedade da primeira destas localidades será cheio de entusiasmo e alegria, a julgar pela procura que temido os respectivos bilhetes.

Os que ainda restam encontram-se à venda, até o dia 17, na Rua do Sol, a Santa-Catarina e na redação da **Batata**.

Trabalhadores **lede e propaga**

Companhia Portuguesa de Fósforos

Sociedade Anónima, Responsabilidade Limitada
Capital: Esc. 4.500.000\$
Dividendo interino

São avisados os srs. Accionistas desta Companhia de que o pagamento do dividendo interino de 1950 (um escudo e cinquenta centavos) por acção livre de impostos, por conta dos lucros do corrente ano, terá lugar desde 1 a 17 de Outubro próximo, ambos inclusivos, das 11 às 14 horas, as segundas, quartas e sextas feiras, e passado este prazo, quintas feiras, às mesmas horas, pela forma seguinte: As acções de coupon contra a entrega do coupon n.º 28 (vinte e oito).

A's acções de coupon contra a apresentação dos respectivos títulos.

EM LISBOA: Na sede da Companhia, rua de S. Julião, 139, 2.º, o dividendo das acções nominativas, ao portador e do coupon; no Banco Lisboa & Açores, rua Azeiteira, 88, somente o dividendo das acções de coupon.

NO PORTO: Na agência do Banco Lisboa & Açores, rua Elias Garcia, 38 a 48, o dividendo das acções nominativas, ao portador e de coupon.

O pagamento dos dividendos atrazados continua a efectuar-se às quintas feiras, às mesmas horas e nos mesmos estabelecimentos, depois do dia 17 de Outubro próximo futuro.

Lisboa, 13 de Setembro de 1951.

(a) O N.º 1
Os Administradores (a) D. Luís de Lancastre

Atenção

The Printing Machinery Company, Limited, proprietária das patentes de invenção: n.º 5166, para «Aperfeiçoamentos em aparelhos movidos manualmente para a fundição de estereótipos curvos», concedida a 12 de Fevereiro de 1906; n.º 5356, para «Aperfeiçoamentos em aparelhos para a fundição de estereótipos curvos», concedida a 2 de Julho de 1906; n.º 5461, para «Aperfeiçoamentos em aparelhos para a fundição de estereótipos curvos», concedida a 12 de Setembro de 1906; n.º 5761, para «Aperfeiçoamentos em máquinas de acabar e arrefecer objectos por acabar, especialmente estereótipos curvos por acabar», concedida a 15 de Junho 1907; n.º 5791, para «Aperfeiçoamentos em máquinas de sucessivamente acabar, arrefecer e enxugar objectos ainda por acabar e também nos mesmos objectos», concedida a 3 de Julho de 1907; n.º 6918, para «Aperfeiçoamentos em aparelhos para a fundição de chapas estereotípicas para impressões», concedida a 1 de Dezembro de 1909 e 6981, para «Um método aperfeiçoado para o arrefecimento de estereótipos curvos e os aperfeiçoamentos nos aparelhos que os acabam, arrefecem e enxugam que o mesmo método exige», concedida a 8 de Janeiro de 1910, com uma adição, desenhando que os seus inventos sejam o mais possível aproveitados no país, declara que se prontifica a conceder licenças para o gozo parcial dos privilégios ou mesmo a vender as Patentes. Correspondência a Arthur H. Walker, 188, Fleet Street, London.

(562)

Malas, Cartelas e Pastas

Só compre na

FABRICA NACIONAL DE MALAS

RUA DA PALMA, 34, 1.

(escada da ourivesaria Cesar Pinto)

(562)

Malas, Cartelas e Pastas

Só compre na

FABRICA NACIONAL DE MALAS

RUA DA PALMA, 34, 1.

(escada da ourivesaria Cesar Pinto)

(562)

Malas, Cartelas e Pastas

Só compre na

FABRICA NACIONAL DE MALAS

RUA DA PALMA, 34, 1.

(escada da ourivesaria Cesar Pinto)

(562)

Malas, Cartelas e Pastas

Só compre na

FABRICA NACIONAL DE MALAS

RUA DA PALMA, 34, 1.

(escada da ourivesaria Cesar Pinto)

(562)

Malas, Cartelas e Pastas

Só compre na

FABRICA NACIONAL DE MALAS

RUA DA PALMA, 34, 1.

(escada da ourivesaria Cesar Pinto)

(562)

Malas, Cartelas e Pastas

Só compre na

FABRICA NACIONAL DE MALAS

RUA DA PALMA, 34, 1.

(escada da ourivesaria Cesar Pinto)

(562)

Malas, Cartelas e Pastas

Só compre na

FABRICA NACIONAL DE MALAS

RUA DA PALMA, 34, 1.

(escada da ourivesaria Cesar Pinto)

(562)

Malas, Cartelas e Pastas

Só compre na

FABRICA NACIONAL DE MALAS

RUA DA PALMA, 34, 1.

(escada da ourivesaria Cesar Pinto)

(562)

Malas, Cartelas e Pastas

Só compre na

FABRICA NACIONAL DE MALAS

RUA DA PALMA, 34, 1.

(escada da ourivesaria Cesar Pinto)

(562)

Malas, Cartelas e Pastas

Só compre na

FABRICA NACIONAL DE MALAS

RUA DA PALMA, 34, 1.

(escada da ourivesaria Cesar Pinto)

(562)

Malas, Cartelas e Pastas

Só compre na

FABRICA NACIONAL DE MALAS

RUA DA PALMA, 34, 1.

(escada da ourivesaria Cesar Pinto)

(562)

Malas, Cartelas e Pastas

Só compre na

FABRICA NACIONAL DE MALAS

RUA DA PALMA, 34, 1.

(escada da ourivesaria Cesar Pinto)

(562)

Malas, Cartelas e Pastas

Só compre na

FABRICA NACIONAL DE MALAS

RUA DA PALMA, 34, 1.

(escada da ourivesaria Cesar Pinto)

(562)

Malas, Cartelas e Pastas

Só compre na

FABRICA NACIONAL DE MALAS

RUA DA PALMA, 34, 1.

(escada da ourivesaria Cesar Pinto)

(562)

Malas, Cartelas e Pastas

Só compre na

FABRICA NACIONAL DE MALAS

RUA DA PALMA, 34, 1.

(escada da ourivesaria Cesar Pinto)

(562)

Malas, Cartelas e Pastas

Só compre na

FABRICA NACIONAL DE MALAS

RUA DA PALMA, 34, 1.

(escada da ourivesaria Cesar Pinto)

(562)

Malas, Cartelas e Pastas

Só compre na

FABRICA NACIONAL DE MALAS

RUA DA PALMA, 34, 1.

(escada da ourivesaria Cesar Pinto)

(562)

Malas, Cartelas e Pastas

Só compre na

FABRICA NACIONAL DE MALAS

RUA DA PALMA, 34, 1.

(escada da ourivesaria Cesar Pinto)

(562)

Malas, Cartelas e Pastas

Só compre na

FABRICA NACIONAL DE MALAS

RUA DA PALMA, 34, 1.

(escada da ourivesaria Cesar Pinto)

(562)

Malas, Cartelas e Pastas

Só compre na

FABRICA NACIONAL DE MALAS

RUA DA PALMA, 34, 1.

(escada da ourivesaria Cesar Pinto)

(562)

Malas, Cartelas e Pastas

Só compre na

FABRICA NACIONAL DE MALAS

RUA DA PALMA, 34, 1.

(escada da ourivesaria Cesar Pinto)

(562)

Malas, Cartelas e Pastas

Só compre na

FABRICA NACIONAL DE MALAS

RUA DA PALMA, 34, 1.

(escada da ourivesaria Cesar Pinto)

(562)

Malas, Cartelas e Pastas

Só compre na

FABRICA NACIONAL DE MALAS

RUA DA PALMA, 34, 1.

(escada da ourivesaria Cesar Pinto)

(562)

Malas, Cartelas e Pastas

Só compre na

FABRICA NACIONAL DE MALAS

RUA DA PALMA, 34, 1.

(escada da ourivesaria Cesar Pinto)

(562)

Malas, Cartelas e Pastas

Só compre na

FABRICA NACIONAL DE MALAS

RUA DA PALMA, 34, 1.

(escada da ourivesaria Cesar Pinto)

(562)

Malas, Cartelas e Pastas

Só compre na

FABRICA NACIONAL DE MALAS

RUA DA PALMA, 34, 1.

(escada da ourivesaria Cesar Pinto)

(562)

Malas, Cartelas e Pastas

Só compre na

FABRICA NACIONAL DE MALAS

RUA DA PALMA, 34, 1.

(escada da ourivesaria Cesar Pinto)

(562)

Malas, Cartelas e Pastas

Só compre na

FABRICA NACIONAL DE MALAS

RUA DA PALMA, 34, 1.

(escada da ourivesaria Cesar Pinto)

(562)

Malas, Cartelas e Pastas

Só compre na

FABRICA NACIONAL DE MALAS

RUA DA PALMA, 34, 1.

(escada da ourivesaria Cesar Pinto)

(562)

Malas, Cartelas e Pastas

Só compre na

FABRICA NACIONAL DE MALAS

RUA DA PALMA, 34, 1.

(escada da ourivesaria Cesar Pinto)

(562)

Malas, Cartelas e Pastas

Só compre na

FABRICA NACIONAL DE MALAS

RUA DA PALMA, 34, 1.

(escada da ourivesaria Cesar Pinto)

(562)

Malas, Cartelas e Pastas

Só compre na

FABRICA NACIONAL DE MALAS

RUA DA PALMA, 34, 1.

(escada da ourivesaria Cesar Pinto)

(562)

Malas, Cartelas e Pastas

Só compre na

FABRICA NACIONAL DE MALAS

RUA DA PALMA, 34, 1.

(escada da ourivesaria Cesar Pinto)

(562)

Malas, Cartelas e Pastas

Só compre na

FABRICA NACIONAL DE MALAS

RUA DA PALMA, 34, 1.

(escada da ourivesaria Cesar Pinto)

(562)

Malas, Cartelas e Pastas

Só compre na

FABRICA NACIONAL DE MALAS

RUA DA PALMA, 34, 1.

(escada da ourivesaria Cesar Pinto)

(562)

Malas, Cartelas e Pastas

Só compre na

FABRICA NACIONAL DE MALAS

RUA DA PALMA, 34, 1.

(escada da ourivesaria Cesar Pinto)

(562)

Malas, Cartelas e Pastas

Só compre na

FABRICA NACIONAL DE MALAS

RUA DA PALMA, 34, 1.

(escada da ourivesaria Cesar Pinto)

(562)

Malas, Cartelas e Pastas

Só compre na

FABRICA NACIONAL DE MALAS

RUA DA PALMA, 34, 1.

(escada da ourivesaria Cesar Pinto)

(562)

Malas, Cartelas e Pastas

Só compre na

FABRICA NACIONAL DE MALAS

RUA DA PALMA, 34, 1.

(escada da ourivesaria Cesar Pinto)

(562)

Malas, Cartelas e Pastas

Só compre na

FABRICA NACIONAL DE MALAS

RUA DA PALMA, 34, 1.

(escada da ourivesaria Cesar Pinto)

(562)

Malas, Cartelas e Pastas

Só compre na

FABRICA NACIONAL DE MALAS

RUA DA PALMA, 34, 1.

(escada da ourivesaria Cesar Pinto)

(562)

Malas, Cartelas e Pastas

Só compre na